

P

Um vírus pouco mediático

O surto descontrolado de vírus do ébola não deu lugar a relatórios diários sobre a situação epidemiológica, diretos televisivos ou cientistas e médicos a falar sobre esta questão nas televisões.



Miguel Prudêncio

5 de Julho de 2026, 6:41

<https://www.publico.pt/2026/07/05/ciencia/opiniao/virus-mediatico-2180146>

Há algumas semanas, escrevi neste jornal [um artigo](#) intitulado “Um vírus muito mediático”. Referia-me, na altura, ao hantavírus que matara três pessoas a bordo de um navio de cruzeiro, o que atraiu uma atenção mediática desmesurada, com direito a debates e diretos televisivos durante o desembarque dos passageiros do referido navio. Apesar de todos os especialistas serem unânimes em considerar que se tratava de um surto localizado, com baixíssima probabilidade de se vir a transformar numa epidemia mais alargada, os *media* cavalgaram este assunto, sempre na ânsia de aludir à possibilidade deste vírus vir a ser o novo SARS-CoV-2, responsável pela pandemia de covid-19.

Apesar de infundados, os receios incutidos na opinião pública fizeram o seu caminho, provocando ansiedade e preocupação desnecessárias. Isto apesar de, como amplamente explicado por médicos e cientistas, [o hantavírus](#) só muito dificilmente se transmitir de uma pessoa para a outra, tornando a sua disseminação descontrolada uma ficção.

Curiosamente, nas regiões onde ocorrem endemicamente, os hantavírus causam anualmente milhares de infeções e centenas de mortes, mas tal nunca foi notícia, por afetarem “os outros”, isto é, sobretudo populações da América do Sul e Ásia. Mas, claro, quando morreram três turistas ocidentais abastados, tudo mudou e, de repente, os telejornais passaram a abrir com a notícia destas mortes, painéis de especialistas foram chamados às televisões, e o mundo (ocidental) tremeu de receio.

Ao mesmo tempo que o surto de hantavírus ocorria a bordo de um pacote de luxo, um outro vírus, muito mais perigoso e mortal, fazia a sua aparição na África Ocidental, uma das mais pobres regiões do mundo. Trata-se do vírus do ébola, já responsável por vários surtos anteriores naquela zona do globo, com consequências devastadoras para as populações aí residentes.

Existem diversas espécies de vírus do ébola, com taxas de mortalidade variáveis entre si, mas, sempre superiores a 25%, podendo mesmo atingir 90% (para comparação, a mortalidade durante a pandemia de covid-19 situou-se entre 1 e 3%). Entre 2014 e 2016, um surto epidémico causado pela espécie Zaireense de vírus do ébola, foi responsável por 28.000 casos de infeção e 11.000 mortos na Guiné, Libéria e Serra Leoa. Em 2000 e 2022, a espécie Sudanesa causou surtos no Uganda, com taxas de mortalidade estimadas entre 40 e 60%. A República Democrática do Congo, onde já ocorream diversos suros de ébola, tem sido particularmente fustigada por esta doença, e é também o epicentro da atual epidemia, que já causou mais de 360 mortes confirmadas.

O [atual surto](#) está a ser causado pela [espécie Bundibugyo](#), para a qual não existe vacina (ao contrário do que acontece para a espécie Zaireense) nem tratamento específico. Tal como os restantes vírus do ébola, esta espécie é zoonótica, ou seja, é transmitida aos seres humanos por animais infetados. No entanto, transmite-se também entre pessoas através de contactos com fluidos e secreções, bem como de contactos próximos com pessoas falecidas como acontece, por exemplo, durante os rituais de cerimónias fúnebres.

Acresce que o surto atual ocorre em zonas de conflito que obrigam a deslocações em massa da população, o que dificulta grandemente a ação das equipas médicas de emergência. Apesar disso, a Organização Mundial da Saúde (OMS) tem feito tudo o que está ao seu alcance para rastrear cadeias de contacto e diagnosticar potenciais casos de infeção o mais prontamente possível. Ao mesmo tempo, a comunidade científica mobiliza-se para criar uma vacina eficaz contra a espécie Bundibugyo, o que constituiria uma arma de importância inestimável para o controle deste e de futuros surtos epidémicos.

No entanto, à data atual, o presente surto está longe de estar controlado, sendo considerado um dos maiores de sempre a afetar a República Democrática do Congo. Além disso, já atravessou a fronteira com o vizinho Uganda e teme-se que venha a atingir o Sudão do Sul, o que já levou a OMS a declarar este surto uma “Emergência de Saúde Pública de Preocupação Internacional”.

E, contudo, pouco ou nada se ouve falar do vírus do ébola nos *media*. A mesma comunicação social que tão interessada se mostrou perante três mortes a bordo de um navio de luxo com passageiros ocidentais ricos, parece agora razoavelmente indiferente

diante de um número de mortes mais de 100 vezes superior àquele, numa população africana pobre e já fustigada pela insegurança e pela guerra.

Ao contrário do que aconteceu durante o surto localizado e contido de hantavírus, o surto descontrolado de vírus do ébola não deu lugar a relatórios diários sobre a situação epidemiológica, diretos televisivos ou cientistas e médicos a falar sobre esta questão nos ecrãs das televisões. Por que será? A resposta parece-me tão óbvia que dispensa enunciação. E a única conclusão que daí podemos tirar é que vivemos realmente num mundo cada vez mais estranho e, pelo menos para mim, difícil de compreender.

O autor escreve segundo o novo acordo ortográfico

Investigador principal do Instituto Gulbenkian de Medicina Molecular e professor de Microbiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa